



[Handwritten signatures and initials]

**TOPONÍMIA
REFERENTE À FREGUESIA DE
MAÇÃS DE CAMINHO**

CÂMARA MUNICIPAL DE ALVAIÁZERE

Alvaiázeres, 31 de Dezembro de 2007

ÍNDICE

1. NOTA INTRODUTÓRIA.....	4
2. DESIGNAÇÕES TOPONÍMICAS	6
3. MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA	9
4. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	19
4.1 ENQUADRAMENTO GERAL	20
4.2 PANORÂMICA	23
4.3 SECTOR NORTE	25
4.4 SECTOR OESTE.....	28
4.5 SECTOR ESTE.....	31
4.6 SECTOR SUL.....	34
5. ANEXOS	37
5.1 ANEXO I – BIOGRAFIA DE MANUEL SIMÕES CARDO.....	38
5.2 ANEXO II – REFERÊNCIA A LAGARES DE AZEITE	41
5.3 ANEXO III – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE MOLEIRO	42
5.4 ANEXO IV – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE TAMANQUEIRO	44
5.5 ANEXO V – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE SAPATEIRO	46
5.6 ANEXO VI – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE TECEDORA	47
5.7 ANEXO VII – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE MARCENEIRO	48
5.8 ANEXO VIII – REFERÊNCIA À COMENDA DA ORDEM DE CRISTO	49

5.9	ANEXO IX – BIOGRAFIA DE AGOSTINHO DOS SANTOS SILVA	50
5.10	ANEXO X – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE ALFAIATE	51
5.11	ANEXO XI – BIOGRAFIA DE ANTÓNIO DE MOURA E SILVA	52
5.12	ANEXO XII – BIOGRAFIA DE JOSÉ FRANCISCO MENDES HENRIQUES	55
5.13	ANEXO XIII – REFERÊNCIA À TRADIÇÃO DOS "PAVILHÕES"	57

A series of handwritten signatures and initials are present in the right margin of the page, corresponding to the entries in the table of contents. The signatures are written in black ink and vary in style, including some that appear to be initials or stylized names.

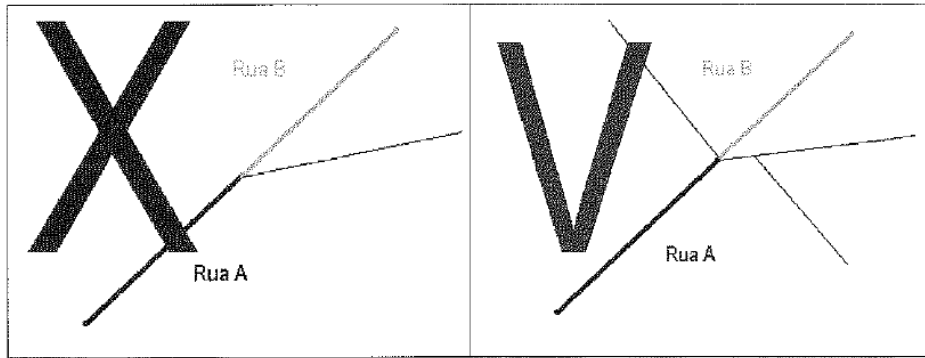
1. NOTA INTRODUTÓRIA

Na toponímia referente à Freguesia de Maças de Caminho que se apresenta, preservaram-se referências históricas da freguesia, hábitos e costumes da população local, topónimos populares e tradicionais, em alguns casos a própria designação do lugar, perpetuaram-se ainda antropónimos relevantes no desenvolvimento social, económico e cultural.

A presente toponímia apresentada foi elaborada com base na proposta da Comissão Municipal de Toponímia. A toponímia da Freguesia de Maças de Caminho já consolidada, nomeadamente a "Rua Professora Maria Teresa Peixoto Barbosa" no lugar de Relvas e o "Largo Francisco Caetano Rodrigues" no lugar de Maças de Caminho, foi analisada e mantida. Analisou-se também a proposta toponímica da Junta de Freguesia de Maças de Caminho, a qual foi fundamental pelo profundo conhecimento inerente do território, população, história, usos e tradições. Auscultaram-se ainda as opiniões de alguns residentes locais, aquando do surgimento de incertezas. Corrigindo-se, no entanto, algumas incongruências detectadas na toponímia proposta pela Junta de Freguesia e sugerida por populares, relativamente ao estipulado no Regulamento Municipal de Toponímia e Numeração de Polícia do Concelho de Alvaiázere e aos critérios de traçado adoptados. Refere-se ainda que a Comissão Municipal de Toponímia fez um reconhecimento "in situ" de todo o território da Freguesia de Maças de Caminho.

Relativamente aos critérios adoptados para a elaboração da presente toponímia foram os estipulados no Regulamento Municipal de Toponímia e Numeração de Polícia do Concelho de Alvaiázere; convencionou-se também que o traçado de um arruamento hierarquicamente superior, nomeadamente o seu início e término, seria definido apenas com o seu cruzamento com dois ou mais arruamentos, e não no entroncamento deste com um único arruamento; e ainda que o traçado dos restantes arruamentos, nomeadamente o seu início e término, se definem quando intersectados com outros, sendo designados de acordo com a sua hierarquia (Ver figura seguinte).

Handwritten signatures and initials in the right margin, including a large signature at the top and several smaller ones below it.



Exemplo de traçado errado e correcto para a designação de dois arruamentos.

[Handwritten notes and signatures]

2. DESIGNAÇÕES TOPONÍMICAS

As designações toponímicas e antroponímicas que se apresentam estão agrupadas por lugares e numeradas de acordo com a representação gráfica, que se apresenta no ponto 4 deste documento.

BARQUEIRO / AMARELA

- 1 – Rua das Eiras
- 2 – Rua da Escola
- 3 – Rua da Foz Ribeira Mazanas

CABEÇA DO BOI

- 4 – Beco do Cabeço

CARREGAL

- 5 – Rua do Painel
- 6 – Rua Manuel Simões Cardo
- 7 – Calçada do Lagar Velho
- 8 – Beco da Serradinha
- 9 – Calçada dos Moleiros
- 10 – Travessa dos Tamanqueiros
- 12 – Rua do Carvalhal
- 13 – Travessa da Fonte
- 14 – Beco dos Sapateiros
- 15 – Rua das Tecedeiras
- 16 – Rua do Azevinho
- 17 – Caminho do Linho

EIRA DA PEDRA

- 18 – Rua de Santo António
- 19 – Travessa do Ramalhão
- 20 – Beco da Eira
- 21 – Rua dos Marceneiros

Handwritten notes and signatures on the right side of the page, including a large signature at the top, a box with the number '2' inside, and several other illegible signatures and markings.

PEDRA BRANCA

22 – Rua Alva

RELVAS

23 – Rua São Miguel

24 – Rua Professora Maria Teresa Peixoto Barbosa

25 – Rua Comenda da Ordem de Cristo

26 – Rua da Mouta

27 – Rua do Conselheiro

28 – Rua Casal São Miguel

29 – Rua dos Moinhos

30 – Travessa da Tapada

31 – Rua Botas

32 – Travessa do Canto

33 – Travessa do Sobreiro

34 – Rua Padre João Santos Silva

35 – Rua Pinheiral

RELVAS DE BAIXO

36 – Rua Minas da Salgueira

37 – Beco dos Alfaiates

Rio

38 – Rua do Jurado

39 – Rua Mestre João

40 – Travessa da Lagoa

41 – Rua das Azenhas

VALBOM

42 – Calçada do Monte Ruivo

43 – Beco da Fonte

44 – Rua António de Moura e Silva

QUINTA SÃO GENS

Handwritten signatures and initials on the right side of the page, including a large signature at the top, followed by 'S', 'J', 'A', and 'Am'.

45 – Rua Professor José Francisco Mendes Henriques

46 – Rua São Gens

47 – Beco Adegas

48 – Beco do Pombalinho

MOSQUEIRO

49 – Rua do Outeiro

50 – Travessa do Outeiro

CASAIS

51 – Rua do Terreiro

52 – Travessa do Terreiro

53 – Beco da Fraga

54 – Beco do Castelo

55 – Rua do Castelo

MAÇAS DE CAMINHO

56 – Rua Albergaria Mazanis

57 – Beco da Forca

58 – Rua Nascente Ribeira Mazanas

59 – Travessa do Marcão

60 – Rua Nossa Senhora da Graça

61 – Travessa do Mercado

62 – Travessa do Cruzeiro

Largo 1 – Largo Francisco Caetano Rodrigues

Largo 2 – Largo Nossa Senhora da Graça

A vertical column of handwritten signatures and initials on the right side of the page. From top to bottom, there is a circled signature, a signature starting with 'W', a signature starting with 'J', a signature starting with 'D', a signature starting with 'A', and a signature starting with 'P'.

3. MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

BARQUEIRO / AMARELA

1 – Rua das Eiras

Nome antigo atribuído a esta zona que pressupõe a existência de muitas eiras para secagem do milho, que ainda hoje é cultivado em grandes quantidades neste lugar.

2 – Rua da Escola

Localização da escola básica do Barqueiro.

3 – Rua Foz Ribeira Mazanas

Por se localizar no extremo nascente a foz da ribeira de Mazanas.

CABEÇA DO BOI

4 – Beco do Cabeço

Por se situar numa zona alta.

CARREGAL

5 – Rua do Painei

Por ter existido um painel muito antigo (tábuas pintadas com uma imagem que hoje não se consegue identificar), que estava colocado numas alminhas de pedra, situando-se defronte da fonte do Carregal.

6 – Rua Manuel Simões Cardo (04-10-1904 a 10-06-1964, natural de Azenha – Carregal)

Relativamente à freguesia de Maças de Caminho, teve um papel relevante na instalação da luz eléctrica nesta freguesia e mandou construir a fonte de S. João na Azenha, canalizando a água da nascente do Azevinho; Também contribuiu para a construção do lavadouro e restauro da fonte do Carregal, junto ao parque do Painei. Desde muito novo se dedicou e destacou na área do comércio na Vila de Alvaiázere, onde residia, tendo fundado a Sociedade Comercial de

Alvaiázere, Lda. Dinamizou associações, tais como a Filarmónica de Santa Cecília e os Bombeiros Voluntários de Alvaiázere, sendo, desta última associação, Presidente à data da sua morte. Teve assento na vida administrativa concelhia, como Vereador da Câmara Municipal de Alvaiázere nos períodos de 27.07.1933 a 07.04.1953 e de 07.02.1961 a 17.03.1964. (Ver biografia no Anexo I)

7 – Calçada do Lagar Velho

Por se situar junto do Lagar Velho. (Ver referência no Anexo II)

8 – Beco da Serradinha

Nome antigo atribuído a esta zona por ser uma zona cercada (serradas).

9 – Calçada dos Moleiros

Referência à existência, em Maças de Caminho, de muitos moinhos de vento e muitas azenhas ou seja moinhos de roda movidos por água, que possibilitaram a várias famílias que se dedicassem à profissão de Moleiro. (Ver referência no Anexo III)

10 – Travessa dos Tamanqueiros

Referência à existência, em Maças de Caminho, de vários Tamanqueiros. (Ver referência no Anexo IV)

12 – Rua do Carvalhal

Por antigamente lá existirem muitos carvalhos, dos quais ainda hoje restam um número significativo.

13 – Travessa da Fonte

Por aí se situar a fonte do Carregal.

14 – Beco dos Sapateiros

Referência à existência, em Maças de Caminho, de vários Sapateiros. (Ver referência no Anexo V)

15 – Rua das Tecedeiras

Referência à existência, em Maças de Caminho, de várias Tecedeiras, tendo sido o lugar do Carregal uma zona de cultivo de linho. (Ver referência no Anexo VI)

16 – Rua do Azevinho

Por se situar junto desta a nascente das fontes do Carregal com este nome.

17 – Caminho do Linho

Por antigamente se cultivarem nesta zona extensos campos de linho.

EIRA DA PEDRA

18 – Rua de Santo António

Localização nesta rua da Capela de Santo António, onde se celebra em sua honra, anualmente uma festa no mês de Junho.

19 – Travessa do Ramalhão

Designação atribuída pelos antigos.

20 – Beco da Eira

Por ter existido uma grande eira comunitária, onde as pessoas iam joeirar os cereais (milho, centeio, aveia, trigo).

21 – Rua dos Marceneiros

Referência à existência, em Maças de Caminho, de vários Marceneiros. (Ver referência no Anexo VII)

PEDRA BRANCA

22 – Rua Alva

Por se tratar de um local onde existe um marco de pedra branca (quartzo) que separa a freguesia de Maças de Caminho com a de Pousaflores.

RELVAS

23 – Rua São Miguel

Por se situar nesta a capela de S. Miguel, efectuando-se em sua honra a festa anual em Setembro.

A vertical column of handwritten signatures and initials in black ink, located on the right side of the page. The signatures are somewhat stylized and overlapping, appearing to be a list of names or initials.

24 – Rua Professora Maria Teresa Peixoto Barbosa

Foi professora primária na Escola das Relvas, durante 28 anos. À data dos seus 25 anos de serviço, em Setembro de 1987, foi homenageada por todo o trabalho desenvolvido com dedicação e amor, tendo sido atribuído o seu nome à Rua onde se localiza a Escola. Durante alguns anos foi também responsável pela organização do Rancho Folclórico e de um Grupo de Teatro. Muito dinamizadora e de uma educação extrema, deixou uma marca profunda em muitos dos seus alunos que a recordam com muita ternura e como um exemplo a seguir.

25 – Rua Comenda da Ordem de Cristo

Maçãs de Caminho fez parte de uma Comenda da Ordem de Cristo, existindo vários marcos na Freguesia com a Cruz de Cristo, sendo os mais visíveis e conhecidos os marcos do Marcão, Forca e da Charneca. (Ver referência no Anexo VIII)

26 – Rua da Mouta

Nome antigo por aí ter existido conjuntos espessos de plantas arborescentes.

27 – Rua do Conselheiro

Era uma pessoa muito sensata, culta e inteligente, em quem as pessoas confiavam, assim tornou-se o conselheiro da população da freguesia de Maçãs de Caminho. Agostinho dos Santos Silva nasceu em Relvas, Maçãs de Caminho. (Ver biografia no Anexo IX)

28 – Rua Casal São Miguel

Por se situar junto da capela de S. Miguel e do antigo Casal de S. Miguel.

29 – Rua dos Moinhos

Para recordar a grande actividade noutros tempos dos moinhos de vento existentes por detrás desta rua.

30 – Travessa da Tapada

Nome antigo por essa zona ter sido toda murada.

31 – Rua Botas

Referência a descendentes de Portugueses que regressaram do Brasil e usavam botas diferenciando-se dos que cá viviam, que na generalidade andavam descalços.

32 – Travessa do Canto

Designação dada antigamente por estar localizada na fronteira do lugar.

33 – Travessa do Sobreiro

Para fazer referência ao enorme e antigo sobreiro existente na Rua São Miguel.

34 – Rua Padre João Santos Silva (_ - - _ a _ - - _ , natural de Relvas)

Por lá ter nascido e vivido o Reverendo João Santos Silva, que foi Padre na Paróquia de Maçãs de Caminho durante toda a sua vida e que muito contribuiu para o engrandecimento desta freguesia.

35 – Rua Pinheiral

Nome antigo por terem existido naquele local muitos pinheiros mansos.

RELVAS DE BAIXO

36 – Rua Minas da Salgueira

Por dar acesso às Minas da Salgueira, também conhecidas por Minas dos Mouros, onde se fez exploração de extractos de ferro.

37 – Beco dos Alfaiates

Referência à existência, em Maçãs de Caminho, de vários Alfaiates. (Ver referência no Anexo X)

Rio

38 – Rua do Jurado

Era uma pessoa que, devido à sua idoneidade e seriedade, participava nos julgamentos realizados na sede do concelho, a fim de se pronunciar no veredicto sobre a culpabilidade dos réus, de seu nome Manuel Silveira. Exercia a profissão de alfaiate, tendo criado uma manufatura de confecção onde trabalhavam várias costureiras.

39 – Rua Mestre João (_ - - _ a _ - - _)

O Mestre João como era conhecido em Maçãs de Caminho, de seu nome _____, nasceu nas Vendas, Alvaiázere e ainda bastante novo foi para o Brasil, onde aprendeu a arte de curar. Ao regressar casou e fixou a sua residência no Valbom. Acompanhava em diversas situações o médico Dr. Policarpo de Alvaiázere. Com extrema habilidade dava injeções e receitava não só ervas e "mezinhas", mas também medicamentos das farmácias. Era conhecido não só na freguesia, mas também em todo o concelho e arredores. A sua arte também se estendia à de barbeiro.

40 – Travessa da Lagoa

Local onde a ribeira de Mazanas formava uma lagoa e onde as pessoas se deslocavam para lavar a roupa, não só desta freguesia como também da vila de Alvaiázere onde, na altura, havia muita escassez de água.

41 – Rua das Azenhas

Referência à existência neste local de azenhas ou seja moinhos de roda movidos por água.

VALBOM

42 – Calçada do Monte Ruivo

Nome antigo por que era conhecido devido à tonalidade do terreno aí existente, do qual se extrai o ocre.

43 – Beco da Fonte

Por dar acesso à fonte do Valbom.

44 – Rua António de Moura e Silva (__-__-192... a __-__-200...)

António de Moura e Silva foi um homem que, embora não tenha nascido nesta freguesia, sempre apreciou a Terra Natal de seu pai. Foi o fundador da Casa do Concelho de Alvaiázere. Teve um papel relevante na instalação dos Bombeiros Voluntários de Alvaiázere, tendo ocupado também o lugar de Presidente da Direcção. Desempenhou funções a nível nacional de bastante relevância, tais como Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, Vice-Presidente do Comité Técnico e Internacional do Fogo, foi fundador da Fundação Portuguesa de Cardiologia. Desempenhou também funções de relevo nos Concelhos de Almada, Seixal e Sesimbra. Recebeu do Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, a Comenda de

grande Oficial da Ordem de Mérito, pelos seus serviços prestados como solicitador e decano na Comarca de Lisboa. (Ver biografia no Anexo XI)

QUINTA SÃO GENS

45 – Rua Professor José Francisco Mendes Henriques (25-8-1878 a 14-2-1952)

Profissionalmente, fez frequentemente parte do júri dos exames escolares, além de exemplar professor. Leccionou em Pussos e em Alvaiázere por curtos períodos e finalmente em Maças de Caminho, onde viria a aposentar-se após 36 anos de serviço. Desde integrado na sua comunidade foi membro da Comissão Paroquial de Culto, amigo da freguesia, em especial dos seus habitantes mais pobres. Simultaneamente com a actividade de professor foi agricultor ao longo da sua vida e ainda proprietário de um lagar de azeite que mandou construir na Quinta de São Gens, onde residia, e dirigiu até à data da sua morte. (Ver biografia no Anexo XII)

46 – Rua São Gens

Por se situar nesta a antiga Capela de S. Gens.

47 – Beco Adegas

Nome antigo atribuído àquele local.

48 – Beco do Pombalinho

Acesso à fonte do Pombalinho onde, segundo tradição oral, foi explorado junto desta, desde o tempo dos Romanos, ocre e metais.

MOSQUEIRO

49 – Rua do Outeiro

Nome antigo por se tratar de uma zona com um pequeno monte, colina.

50 – Travessa do Outeiro

Por ser uma travessa à Rua do Outeiro.

CASAIS

51 – Rua do Terreiro

Nome antigo atribuído a essa zona por se fazer aí um dos famosos "Pavilhões" que se montavam em eiras ou terreiros, grande tradição em Maçãs de Caminho pelos santos populares. Era organizado um baile com músicos ou, na falta destes, cantava-se ao desafio e, no exterior, faziam-se grandes fogueiras com molhos de rosmaninho. (Ver referência no Anexo XIII)

52 – Travessa do Terreiro

Por ser uma travessa à Rua do Terreiro.

53 – Beco da Fraga

Por ser um arruamento sem saída terminando em escarpa, quase a prumo e muito íngreme.

54 – Beco do Castelo

Por ser um arruamento sem saída nas proximidades da Rua do Castelo.

55 – Rua do Castelo

Nome antigo atribuído pelos habitantes da zona mais baixa dos Casais, por ser um lugar alto e segundo tradição oral ter existido um castelo nesta zona.

MAÇÃS DE CAMINHO

56 – Rua Albergaria Mazanis

Por ter existido uma Albergaria que foi doada por D. Sancho I a Martim Fernandes e sua mulher em 1208 e está relacionada com a segunda parte do topónimo desta Freguesia "Caminho", pois seria nessa Albergaria que os viajantes descansariam do caminho percorrido até aí, e preparavam-se para o que viria a seguir.

57 – Beco da Forca

Local desta freguesia onde eram executadas as sentenças de morte.

58 – Rua Nascente Ribeira Mazanas

Por aí se localizar a nascente da Ribeira de Mazanas. A primeira referência ao nome de Maçãs surge no foral da criação do concelho de Arega por Pedro Afonso filho bastardo de Afonso Henriques e meio irmão de D. Sancho I em 1201, referindo que aquele território confinava com o rio Mazanas (hoje Ribeira da Várzea), assim Maçãs surge no seguimento de um conjunto de

doações e criações de concelhos em redor da Ribeira de Mazanas, pelo que é provável que aquele pequeno curso de água tivesse dado o nome a esta povoação e também a Maçãs de D. Maria.

59 – Travessa do Marcão

Situa-se defronte da zona intitulada por este nome, por se localizar um marco de grandes dimensões da Ordem do Templários, que fazia a divisão da Comenda da Ordem de Cristo de que esta freguesia fazia parte.

60 – Rua Nossa Senhora da Graça

Por ser um dos acessos à Igreja de Maçãs de Caminho e por ser padroeira da freguesia, Nossa Senhora da Graça, celebrando-se festa em sua honra no 1.º Domingo do mês de Agosto.

61 – Travessa do Mercado

Dá acesso ao mercado que se realiza semanalmente ao domingo. De salientar que só foi possível a construção deste devido à intervenção do Reverendo Padre Celestino Ferreira Brás, pelo papel que desempenhou na autorização por parte da Diocese na cedência do terreno.

62 – Travessa do Cruzeiro

Por fazer a ligação ao local onde existe um cruzeiro muito antigo.

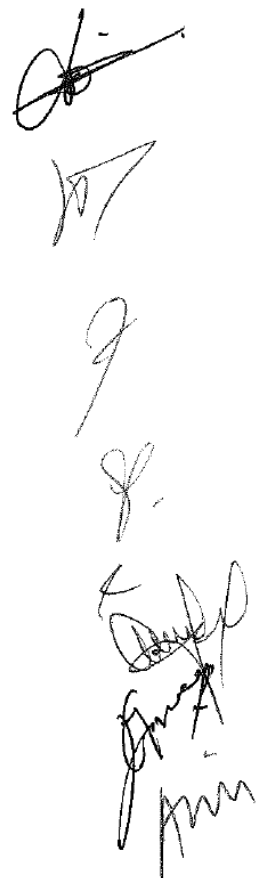
Largo 1 – Largo Francisco Caetano Rodrigues (_ - _ - _ a ???)

Benemérito da freguesia, por lhe ter doado um prédio situado em Lisboa, na Rua Francisco Metrass nº 32 A em Campo de Ourique, nome do largo já atribuído em sua homenagem. Nasceu no lugar do Mosqueiro, tendo ido viver para Lisboa muito jovem, dedicou-se ao comércio e por mérito próprio fez grande fortuna. Visitava regularmente a sua Terra Natal, tendo contribuído para a construção da estrada que liga o Barqueiro a Relvas, mandou também fazer a mina da nascente da água da fonte do Mosqueiro, canalizando-a e fazendo a respectiva fonte e lavadouro. Também contribuiu para a colocação da electricidade naquele lugar. Ajudava monetariamente todos aqueles que precisavam pelo que é recordado com muito carinho sendo prova disso a placa de reconhecimento e agradecimento colocada na fonte do Mosqueiro em 1962.

Largo 2 – Largo Nossa Senhora da Graça

Handwritten signatures and initials on the right side of the page, including a large signature at the top, a signature in the middle, and the name 'Am' at the bottom.

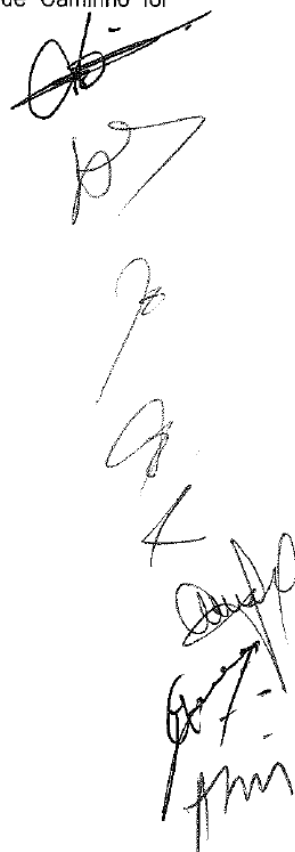
Por se situar em frente à Igreja de Maças de Caminho e por ser padroeira da freguesia, confinando com a Rua Nossa Senhora da Graça.



A vertical column of handwritten signatures and initials, including a large stylized signature at the top, followed by several smaller initials and signatures.

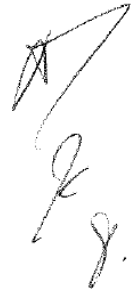
4. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

A representação gráfica toponímica e antroponímica da Freguesia de Maças de Caminho foi elaborada tendo por base ortofotomapas do território da freguesia.



A vertical column of handwritten signatures and initials, including a large signature at the top, followed by several smaller initials and a signature at the bottom.

5. ANEXOS



5.1 ANEXO I – BIOGRAFIA DE MANUEL SIMÕES CARDO

Nasceu na Azenha – Carregal, freguesia de Maçãs de Caminho, no dia 4.10.1904, filho de Teodora da Conceição Freire e de Manuel Simões.

Fez a instrução primária na Escola Primária de Maçãs de Caminho, tendo-se revelado um aluno brilhante. Porém, as dificuldades económicas dos seus pais não possibilitaram que este continuasse os seus estudos. Assim, começou a ajudar o seu pai na lide do campo e no trabalho dos moinhos, ainda muito jovem.

Após um trabalho árduo no campo, descansou numa pedra fria, o que lhe iria provocar um ferimento numa perna. Os seus pais embora com grandes dificuldades levaram – no para o Hospital de St^a. Maria, em Lisboa. Infelizmente, a única maneira de lhe salvar a vida foi amputar a perna. No hospital devido às longas ausências dos pais ficou estrábico pela insistência de um olhar fixo na porta, na esperança de os ver chegar. Após restabelecido, começou a trabalhar na área do comércio na vila de Alvaiázere e, embora com os problemas físicos já referidos, conseguiu com força e coragem vencer na vida, destacando-se na vida social do concelho de Alvaiázere e sendo muito conhecido na região.

Embora tivesse estabelecido a sua vida em Alvaiázere, a sua Terra Natal nunca foi esquecida, nutrindo um carinho especial pelas gentes desta freguesia. Teve um papel relevante na instalação da luz eléctrica nesta freguesia e mandou construir a fonte de S. João na Azenha, canalizando a água da nascente do Azevinho. Também contribuiu para a construção do lavadouro e restauro da fonte do Carregal, junto ao parque do Painel, onde presidiu à cerimónia da sua inauguração.

Alguns habitantes da freguesia ainda se lembram do funeral da sua mãe, Teodora Freire da Conceição que teve o acompanhamento da Filarmónica Santa Cecília, desde a Azenha do Carregal até ao Cemitério, acontecimento inédito e inesquecível, para a população de Maçãs de Caminho. A intervenção da Filarmónica de Santa Cecília no funeral de sua mãe é bem demonstrativa do trabalho desenvolvido em prol desta Associação.

Handwritten signatures and initials on the right side of the page, including a large signature at the top, a smaller one below it, and several other initials and signatures further down.

Outra colectividade que muito se desenvolveu com o seu dinamismo e trabalho foi os Bombeiros Voluntários de Alvaiázere, principalmente na construção do 1.º quartel dos Bombeiros, hoje transformado na Escola Básica da vila de Alvaiázere. Em Outubro de 1956 representou os Bombeiros de Portugal no I Congresso Mundial de Bombeiros realizado em Roma com a presença de Sua Santidade O Papa.

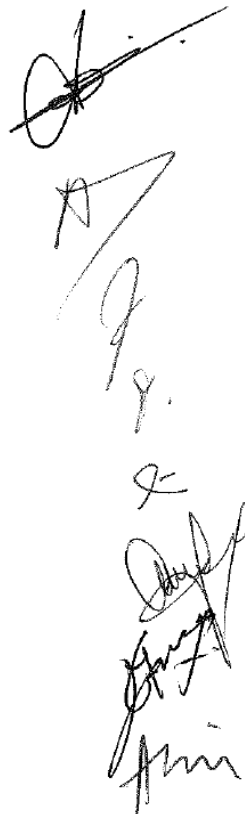
Como empresário destacou-se por acreditar nas potencialidades do concelho e por uma postura visionária que o levaria a assegurar a vinda para a sua terra de inúmeros produtos e serviços na sua loja "A Economia do Povo" que tinha um telefone cujo número era o cinco. Nesta podiam-se encontrar fazendas, mercearias, miudezas e chapelaria. Era também depositário dos tabacos da Tabaqueira e dos Cimentos Liz, agente das companhias de seguros, O Trabalho, Sociedade Portuguesa de Seguros, Companhia Universal de Seguros e Resseguros e A Social, representação dos rádios Grundig e Ponto Azul, correspondente do Banco Português do Atlântico, Banco Lisboa e Açores, Banco Burnay, Banco Borges & Irmão, única gasolinera nas redondezas, agente de pneus e câmaras de ar, revendedor e depositário dos produtos de fibrocimento Cimianto, representante da Socer – Resinas, com a incumbência de ligação com os resinheiros da região. Fundou ainda a Sociedade Comercial de Alvaiázere, Lda., com um elevado volume de negócios para a época e que procedia à distribuição de produtos pelos vários concelhos limítrofes.

Muito cedo, com 29 anos, abraçou a causa pública, tendo sido vereador da Câmara de Alvaiázere no período de 27.07.1933 a 07.04.1953 e 07.02.1961 a 17.03.1964 com profunda preocupação pela modernização do seu concelho, aproveitando as suas viagens às grandes cidades do país e de algumas saídas ao estrangeiro para trazer as novidades e desenvolvimentos observados. Casou com Armerinda Gonçalves Pinheiro tendo tido duas filhas, Maria Teodora e Maria Teresa.

Aquando da sua morte, 10 de Junho de 1964 várias referências foram feitas na imprensa local e regional, transcrevemos parte da publicada no jornal "O Norte do Distrito", de 25 de Junho de 1964: "...faleceu o nosso prezado amigo Sr. Manuel Simões Cardo, figura destacada na vida social daquele concelho e muito conhecida na região. Desde muito novo se dedicou ao Comércio, alcançando posição de grande relevo; ultimamente era sócio da Sociedade Comercial de Alvaiázere, Lda. e correspondente bancário. Simultaneamente dedicava-se a quantas iniciativas iam surgindo para o progresso e prestígio de Alvaiázere, assim, teve assento na vida administrativa concelhia, como Vereador da Câmara Municipal e era, à data da morte, o Presidente dos Bombeiros Voluntários. Por isso, o seu falecimento foi muito sentido no concelho e o funeral constituiu

impressionante manifestação em que tomaram parte o Presidente e Vogais da Câmara, Bombeiros Voluntários, todas as entidades mais gradas da região, organismos e muito povo...".

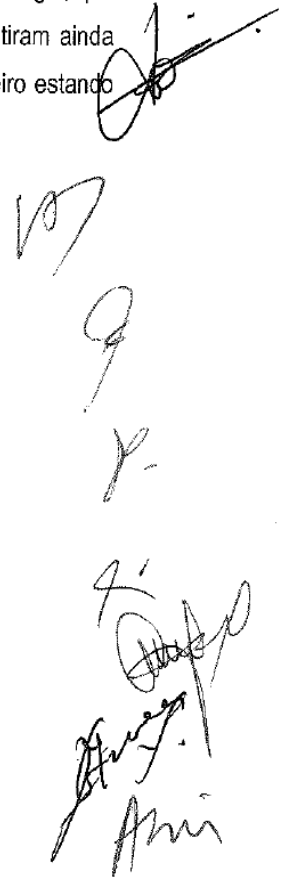
(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

A vertical column of handwritten signatures and initials. From top to bottom: a large, stylized signature with a circular flourish; a signature starting with 'A'; a signature starting with 'J.'; a signature starting with 'R'; a signature starting with 'D'; a signature starting with 'F'; and a signature starting with 'M'.

5.2 ANEXO II – REFERÊNCIA A LAGARES DE AZEITE

É importante referir que no Carregal existem mais dois lagares de azeite, ambos centenários, porém face às exigências da entrada de Portugal na U.E. estes têm sido remodelados, o Lagar Velho está industrializado, continuando o outro tradicional. Existiu ainda outro lagar de azeite no Carregal, que foi transformado numa oficina de bate chapas de Carlos Ribeiro e Lucas Afonso. Existiram ainda mais dois lagares de azeite na freguesia, um na Quinta de S. Gens e outro no Barqueiro estando actualmente abandonados.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

A collection of handwritten signatures and initials in black ink, arranged vertically on the right side of the page. The signatures are stylized and difficult to read, but appear to be personal or official marks.

5.3 ANEXO III – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE MOLEIRO

Em Maçãs de Caminho existiram muitos moinhos de vento e muitas azenhas ou seja moinhos de roda movidos por água, que possibilitaram que várias famílias na freguesia de Maçãs de Caminho se dedicassem à profissão de moleiro, entre as quais, a família Aguda; João Carpinteiro; Bernardino do Porto; Sebastião das Vendas; Alfredo Agostinho; Manuel Rodrigues; José Godinho; Manuel Simões; Manuel Simões Júnior.

Na Quinta de S. Gens também existiram dois moinhos, com duas presas, movidos pela mesma água. Eram moinhos comunitários em que alguns herdeiros tinham direito a um giro de 15 em 15 dias e outros só tinham 24 horas para moer os seus cereais.

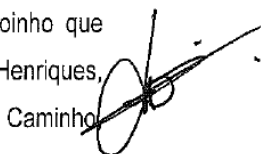
Na Azenha do Carregal, Manuel Simões Júnior herdou de seu pai, Manuel Simões, duas azenhas que explorou com determinação. Herdou, ainda, uma "levada" para fazer trabalhar os moinhos. Tinha duas moagens, uma para o milho e outra para o trigo. A farinha de trigo fazia-se em menor quantidade pois era só procurada na época das festas para os bolos e quando se matava o porco, pois usava-se para fazer as farinheiras. Quando na Azenha do Carregal faltava a água ia à Ribeira d'Alge moer os cereais, arrendando um moinho a Joaquim Santos. Manuel Simões Júnior tinha uma mula que utilizava nos caminhos maus para transportar nas albardas os sacos de farinha que, geralmente, trocava por milho, por vezes também comprava e vendia milho e trigo. Nos caminhos melhores utilizava um carro. O carro ficava geralmente no Barqueiro e mudavam-se para lá as farinhas nas albardas, pois o caminho da Azenha para o Barqueiro era muito mau. Todo este trabalho da mudança das farinhas e também da moagem era feito com a ajuda dos seus cinco filhos, Manuel, Alfredo, Maria, Emília e Joaquina, e também da sua mulher, Teodora da Conceição Freire. Do Barqueiro deslocava-se no carro puxado pela mula a Ferreira do Zêzere, fazendo todas as semanas o mercado (que era ao domingo e só mais recentemente passou para os sábados). Este moleiro só vendia farinha no mercado de Ferreira do Zêzere ou então em sua casa, não andava de porta em porta.

Os moleiros que andavam de porta em porta foram: no lugar da Azenha do Carregal, Manuel Rodrigues que tinha um moinho de vento na Pedra Branca, e um de água na Ribeira Velha, e José Godinho que tinha 2 moinhos de vento: um na Chameca e outro na serra do Anjo da Guarda, e uma

Azenha localizada na ribeira que passa no Carregal, João Moleiro do Casal de Cima tinha também um moinho de vento na Pedra Branca. Estes transportavam a farinha numa mula com carroça e nos lugares onde não ia a carroça colocavam a albarda na mula, percorrendo todos os lugares da freguesia de Maças de Caminho e ainda alguns lugares do concelho de Alvaiázere, Loureira, Cortiça, Pé da Serra, etc.

Todos os moinhos mencionados estão extremamente danificados, à excepção do moinho que pertenceu a Bernardino do Porto, no Casal do Carregal, que foi restaurado por Francisco Henriques, já falecido, estando a proceder-se o novo restauro pela Junta de Freguesia de Maças de Caminho que conseguiu que fosse feita uma doação deste à freguesia em 2004.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)



5.4 ANEXO IV – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE TAMANQUEIRO

Deixa-se o registo da história dos Tamanqueiros iniciando-a com a de João Simões Miguel por ter sido um dos últimos tamanqueiros da freguesia (faleceu a 31 de Março de 2003). Nasceu no Carregal e era filho de José Simões Miguel e de Maria Rosa. Seu pai era descendente de uma família de Trancoso e foi o seu avô o fundador de uma geração de tamanqueiros que se desenvolveu no Carregal.

Eram almocreves que vinham do norte do país e desenvolviam actividades sazonais, no Inverno dedicavam-se aos trabalhos do lagar de azeite e no Verão, como existiam nesta zona muitos salgueiros, matéria-prima essencial para fazerem tamancos, começaram a desenvolver esta actividade. Assim, o avô de João Simões Miguel fixou-se no Carregal, construiu o Lagar de Azeite e criou uma oficina de tamancos na Valada.

O seu pai, José Simões Miguel, foi também, o mestre de toda uma geração de tamanqueiros ainda conhecida, pela maioria dos habitantes do Carregal. O João Simões Miguel teve sete irmãos e além dele mais três irmãos aprenderam esta arte, António Simões Miguel, José Simões Miguel e Manuel Simões Miguel.

Aprenderam também com o mestre José Simões Miguel, outros futuros Tamanqueiros que criaram também as suas próprias oficinas.

O mestre José Simões Miguel além de envolver os seus quatro filhos nesta arte, também envolveu duas filhas, Barbara e Maria Rosa que iam às 2^{as} – feiras vender os tamancos, uma para a Freixianda e a outra para os Cabaços, acompanhadas pelos seus irmãos. Também faziam as feiras do Espinhal, e a maior parte das vezes este percurso era feito a pé. Toda esta actividade era conciliada com o trabalho do Lagar de Azeite. O João Simões Miguel casou em Março de 1942 com Laurinda Rosa da Silva passando a viver nas Relvas, onde desenvolveu a profissão de Tamanqueiro, conjuntamente com as actividades do campo.

Dos aprendizes do José Simões Miguel destacou-se João Furtado. João Furtado casou com Maria da Conceição Freire, construiu uma casa na Azenha e junto a esta a oficina de Tamancos. Foi

Handwritten signatures and initials on the right margin of the page, including a large signature at the top, several smaller initials, and a signature at the bottom that appears to read 'Amir'.

também Mestre de Tamanqueiros, geralmente, tinha quatro a cinco aprendizes. Na sua oficina faziam-se os paus para os tamancos, somente os mandavam vir do Porto, quando tinham muitas encomendas e não tinham tempo de os fazer. Os cabedais necessários para efectuar os tamancos eram despachados do Porto e Guimarães em rolos, via caminho-de-ferro, rodoviária, e por vezes pelos correios. A maior parte dos tamancos eram vendidos na oficina, vinham abastecer-se para as lojas de concelhos vizinhos, como Castanheira de Pêra, Ferreira do Zêzere, Figueiró dos Vinhos, Ansião e Pombal.

O concelho de Alvaiázere, em especial a vila, tinha pouca procura de tamancos, segundo as palavras de Maria da Conceição Freire, com 90 anos, "Era um mercado muito fraco". Quando tinham muitas encomendas e era preciso entregar os tamancos, alugavam uma mula para os transportar, quando as encomendas eram mais pequenas transportavam-nos na bicicleta.

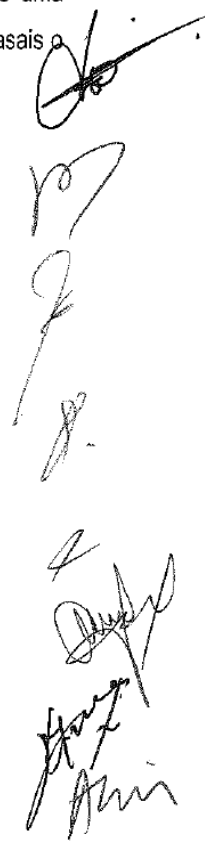
João Marques, natural do Carregal casou com Carolina de Jesus e começou a trabalhar como sapateiro. Tendo sido ensinado pelo José Dias da Portela, Pousaflores. Como havia pouca procura de sapatos começou a dedicar-se aos tamancos, assim, também fabricava grandes quantidades de tamancos, que depois vendia na sua carroça da mula, principalmente nas Feiras dos Cabaços, Freixianda, Avelar, Ansião, entre outras. As filhas ajudaram-no nesta tarefa, Maria de Jesus Santos e Conceição de Jesus Santos, juntamente com a mulher dobroavam os tamancos. O filho António Marques dos Santos também se dedicou a esta arte, desde os 7 anos que já pregava pregos nos tamancos. A partir dos 12 anos ia vender os tamancos de bicicleta fazendo um extenso circuito desde o Carregal, Alvaiázere, Cabaços, Ferreira do Zêzere, Igreja Nova, Bodegão (perto da Serra de Tomar), Vale Donas, Alviobeira, Areias, Pias, Alvaiázere e Carregal. A partir de 1958 começou a fazer o transporte de motorizada. Ao contrário do João Furtado, este Tamanqueiro não fazia os paus para os tamancos, compravam-nos na Maia (Porto) e os cabedais em Rio Tinto (Porto) e eram despachados pelo caminho-de-ferro e depois por camioneta até ao Carregal. Em 1966 casou com Maria Serra ficou a viver no Carregal e a partir desta data começou a negociar com sapatos, que já era o seu grande sonho, quando trabalhava com o pai. Actualmente continua a desempenhar, com sucesso, o comércio de calçado sendo conhecido pelo "Sapateiro do Carregal".

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

5.5 ANEXO V – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE SAPATEIRO

A profissão de sapateiro foi outra das relevantes desenvolvidas nesta freguesia. No Carregal viveu o sapateiro Manuel Teixeira, que exerceu neste o local a profissão de sapateiro executando sapatos de todo o tipo e, principalmente, botas, acumulando esta actividade com a exploração de uma taberna. No Valbom existiu também um sapateiro conhecido por "Joaquim do Carro" e nos Casais o sapateiro César Marques.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

A vertical column of handwritten signatures and initials on the right side of the page. From top to bottom, there is a large, stylized signature, followed by several smaller initials and signatures, including one that appears to be 'Amin' at the bottom.

5.6 ANEXO VI – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE TECEDORA

O Carregal era uma zona de cultivo de linho, era semeado, depois de estar maduro era arrancado e atava-se aos molhos. Ripava-se com um ripadouro e punha-se de molho 15 dias na ribeira ou nos poços. Depois dos 15 dias tirava-se e colocava-se ao sol todo aberto para secar. Era amassado com um maço por um homem de forças. De seguida era gramado, e depois passado pelo sedeiro (para um lado ia a estopa e para o outro ia o linho). Era fiado com uma roca e fuso e era dobrado com uma dobradoira. Lavava-se com barreiras de cinza e estava pronto para tear.

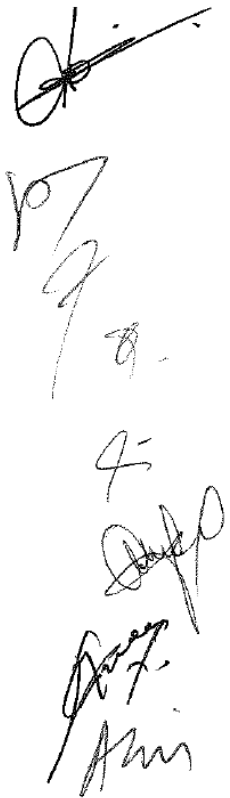
As últimas tecedoras conhecidas no Carregal foram: Joaquina Teixeira, Antónia Teixeira, Emília Salvadora, Maria Lucas e sua filha Deolinda Lucas, Luísa do Curralão e sua filha Ana, mais conhecida por Anita e Maria Dias Furtado Teixeira, que faziam por encomenda lençóis e toalhas de linho. Também se dedicavam a fazer mantas de retalho.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

5.7 ANEXO VII – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE MARCENEIRO

A profissão de marceneiro foi também desenvolvida nesta freguesia. Bernardino Dias Ventura exerceu a actividade de marceneiro destacando-se dos muitos trabalhos efectuados a execução das antigas cadeiras e demais trabalhos de madeiras aquando da construção do Cine – Teatro José Mendes de Carvalho em Alvaiázere. Exerceu também as funções de marceneiro o seu filho Augusto Dias Ventura que casou com Maria da Conceição Dias teve dois filhos, Luísa e João.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)



Handwritten signatures and initials, including a large signature at the top, followed by '107', '9', 'a.', '4-', 'Duffo', 'A. F.', and 'Amir'.

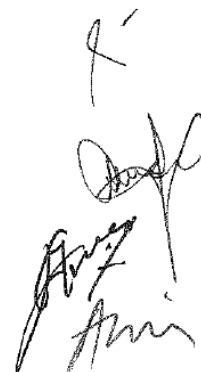
5.8 ANEXO VIII – REFERÊNCIA À COMENDA DA ORDEM DE CRISTO

Em todo o processo da Reconquista a Ordem do Templo deu uma preciosa ajuda aos Monarcas na expulsão dos muçulmanos devido à sua tenacidade e coragem foram-lhe entregues muitos terrenos com elevada área, como recompensa dos serviços prestados.

Nos inícios do séc. XIV a Ordem do Templo é transformada em Ordem de Cristo, com sede em Tomar, tendo o Grão-mestre da Ordem, D. Dinis, dividido o enorme património da Ordem de Cristo em Comendas, administradas por Comendadores.

Neste contexto Maçãs de Caminho fez parte de uma Comenda da Ordem de Cristo, existindo vários marcos na Freguesia com a Cruz de Cristo, sendo os mais visíveis e conhecidos os marcos do Marcão, Forca e da Charneca.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)



5.9 ANEXO IX – BIOGRAFIA DE AGOSTINHO DOS SANTOS SILVA

Agostinho dos Santos Silva nasceu em Relvas, Maçãs de Caminho, e ainda muito jovem foi para o Brasil (Cidade de Santos) onde trabalhou numa fábrica de gelo. Empenhado e dinâmico conseguiu atingir o cargo de gerente. Quando chegou ao Brasil, vendeu durante algum tempo aperitivos nas cervejarias. Numas férias voltou a Portugal e casou com Florinda Rosa da Silva, o que o levou a não regressar ao Brasil, porém, recordou durante toda a sua vida este país com muita nostalgia e saudade.

Estabeleceu-se em Relvas, com uma loja de mercearias, especiarias, tabacos, adubos, tecidos, caixões, etc., e também com taberna, tendo sido nesta instalado o primeiro posto de correio e telefone na freguesia, ou seja um estabelecimento de referência na freguesia e no concelho nos inícios do século XX.

Era uma pessoa muito sensata, culta e inteligente, em quem as pessoas confiavam, assim tornou-se o conselheiro da população da freguesia de Maçãs de Caminho. Quando tinham um problema de difícil resolução vinham até à sua loja pedirem-lhe um conselho. Tinha o dom de escutar e dar uma resposta que geralmente a todos agradava e com resultados positivos. Era uma pessoa muito considerada, assim como mais tarde os seus filhos, Agostinho da Silva Santos, Laurinda Rosa e João dos Santos Silva.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

5.10 ANEXO X – REFERÊNCIA À PROFISSÃO DE ALFAIATE

O alfaiate Francisco Nunes da Silveira, que nasceu no Rio em 10-11-1891, filho de Manuel Nunes da Silveira e de Maria Rosa, e casou com Deolinda da Silva. Tendo tido quatro filhos, fixou após o seu casamento a sua residência nas Relvas de Baixo, habitação que ainda hoje existe num estado de boa conservação ostentando na porta uma rara cantaria de pedra datada de 1893 e com a inscrição JAC. Faleceu com 73 anos, tendo praticado o seu ofício durante toda a sua vida.

Outro alfaiate com relevância na freguesia foi Joaquim dos Santos, filho de António dos Santos e de Joaquina da Conceição Freire, nasceu no Carregal, casou com Ermelinda Gomes dos Santos e teve um filho, Fausto Gomes dos Santos. Foi um alfaiate e comerciante conceituado na região, possuía uma loja no Carregal, com taberna e mercearia onde vendia tecidos, botões e linhas. Era conhecido por fazer fatos de gala e boinas de tecido. Era também neste estabelecimento que havia um telefone público e que se efectuava a paragem da rodoviária que fazia o trajecto de passagem pelo Carregal. Faleceu no dia 8 de Abril de 1955.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

Handwritten signatures and initials on the right side of the page, including a large signature at the top, followed by initials 'V', 'B', 'R', and a signature 'Anin' at the bottom.

5.11 ANEXO XI – BIOGRAFIA DE ANTÓNIO DE MOURA E SILVA

Filho de João Joaquim da Silva, natural do lugar de Valbom freguesia de Maças de Caminho, concelho de Alvaiázere e de Elvira de Moura e Silva, natural da freguesia e concelho de Alvaiázere.

O pai era estabelecido no concelho, com o ramo de solas e cabedais e mais tarde também com sapataria. Pessoa sempre muito respeitada e visitada, pelas pessoas mais gradas do concelho, que ali conversavam e trocavam impressões num ambiente de amizade e de respeito mútuo. Perdeu a vida aos 41 anos de idade, em 28 de Fevereiro de 1942, o que levou Moura e Silva a assumir aos 16 anos a gerência dos negócios do seu pai, dado que nem a mãe e a irmã Benilde de Moura e Silva de Castro Rosa, estavam em condições de o fazer. Conciliou essa responsabilidade com os estudos, pois encontrava-se a frequentar o 5º ano do liceu Passos Manuel em Lisboa.

A sua dedicação pelos Bombeiros nasceu, pelo facto de dois elementos – um de Comando e outro dos Corpos Directivos, terem ido à sua casa lamentar a perda de seu pai e terem confessado que lhe deviam 9.000\$00, que eles lhes haviam pedido emprestado para a compra de uma bomba Magirus. E foi esse acto de honestidade que o levou a interessar-se por aquela causa, tendo ocupado mais tarde o lugar de Presidente da Direcção.

Esteve na Direcção do Boletim da Liga dos Bombeiros Portugueses. Posteriormente foi eleito Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, tendo conseguido com os seus colegas da Direcção que se realizasse em Lisboa um Congresso Mundial do Fogo, em que participaram todos os países da Cortina de Ferro, a forma como decorreu este congresso levou o governo, então em vigor, a distinguir a Direcção da Liga com o grau de Cavaleiros da Ordem da Benemerência e atribuindo-lhe o grau de oficial daquela mesma Ordem.

Ainda ocupando o lugar de Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses foi eleito Vice-Presidente do Comité Técnico e Internacional do Fogo, foi designado pelo Presidente daquele organismo a deslocar-se ao Brasil e a representá-lo na presidência do 1º Congresso Latino – Americano dos Bombeiros, tendo sido Presidente Honorário daquele organismo.

Quando foi criado o crachá de ouro, como a maior condecoração dos Bombeiros Portugueses, foi deliberado conceder ao Santo Padre Pio VII o primeiro exemplar que lhe foi entregue pelo Sr. Moura e Silva, tendo, feito parte da comitiva, além dele, o Eng.º Russo Belo, Comandante dos Bombeiros de Leixões, Comandante Gourinho antigo Vice-Presidente do C.T.I.F. e Comandante dos Bombeiros do Estoril e também Manuel Simões Cardo, então Presidente dos Bombeiros Voluntários de Alvaiázere além de outros membros do nosso voluntariado. Sua Santidade, ao receber a condecoração das mãos do Sr. Moura e Silva proferiu as seguintes palavras: "obrigado, gosto muito de Portugal, terra de Santa Maria e leve uma bênção especial para os seus Bombeiros, mas também, para as famílias, que ficam a sofrer, quando eles saem".

No final do ano 1974 renunciou ao cargo, tendo sido substituído pelo Reverendo Padre Dr. Victor Milícias, que então ocupava o cargo de Director do Jornal Bombeiros de Portugal, que havia substituído o ex. Boletim da Liga dos Bombeiros Portugueses. Em 1975, foi criado o Serviço Nacional de Bombeiros e designado para ocupar o lugar de Presidente o Reverendíssimo Padre Dr. Victor Milícias, tendo então sido solicitado para ocupar a direcção do Jornal Bombeiros de Portugal, o Sr. Moura e Silva, cargo que ocupou até ao momento da sua morte.

Profissionalmente, ingressou em 30 de Abril de 1959 na Câmara dos Solicitadores, sendo o decano na Comarca de Lisboa. Foi Vogal da Caixa de Previdência dos advogados e Solicitadores, cargo que exerceu de 1959 a 1980. Foi eleito em 31 de Janeiro de 1980 para Presidente da Câmara dos Solicitadores, para o triénio 1980/82 e seguidamente durante vários anos, como presidente da Assembleia-geral daquele órgão.

Em 1968 foi eleito Presidente da Assembleia-geral da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Comércio de Lisboa, cargo que ocupou mais de 30 anos. Dirigiu a comissão de honra das cerimónias comemorativas do 1º Centenário que decorreu em 1972.

Exerceu funções de Subdelegado do Procurador da República na Comarca de Almada, que então abrangia os concelhos de Almada, Seixal e Sesimbra. Foi vogal da Câmara Municipal de Almada, com as funções de Presidente da Comissão Reguladora do Comércio local. Durante vários anos foi Presidente da Comissão Permanente de Avaliação Predial de Almada. Exerceu as funções de Sub Delegado Regional da Mocidade Portuguesa no Concelho de Almada. Fez também parte da Santa Casa da Misericórdia de Almada, durante 5 anos. É o sócio n.º 1 da Academia Almadense.

Fundador da Fundação Portuguesa de Cardiologia. Foi o fundador da Casa do Concelho de Alvaiázere, tendo presidido ao 1.º Conselho Fiscal e ocupado durante dois mandatos o lugar de Presidente da Assembleia-geral da C.C.A.

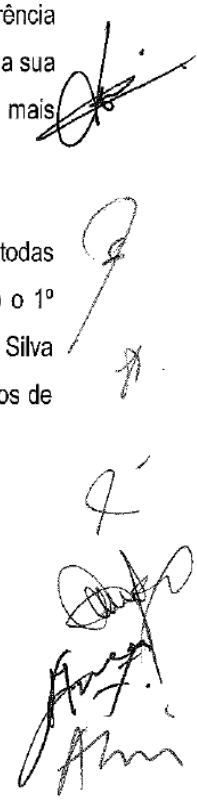
Recebeu do Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, na Universidade Católica, a Comenda de grande Oficial da Ordem de Mérito, pelos seus serviços prestados como solicitador e decano na Comarca de Lisboa.

Um homem que embora não tenha nascido nesta freguesia sempre apreciou a Terra Natal de seu pai, e como vinham passar as férias e alguns fins-de-semana ao Valbom, passou a gostar desta terra como se fosse a sua terra. Este sentimento passou para os seus filhos que recuperaram a sua casa do Valbom, fazendo lá grandes investimentos.

Foi sempre uma pessoa muito estimada e ainda hoje é recordado como uma pessoa de referência para os naturais do lugar do Valbom, assim como para a Freguesia e até Concelho. Ao longo da sua vida arranjou muitos empregos para as pessoas da freguesia, apoiando, em especial as mais carenciadas.

Teve um papel relevante na instalação dos Bombeiros Voluntários de Alvaiázere, presidindo a todas as reuniões efectuadas para esse efeito, e foi ele que entrou na vila de Alvaiázere guiando o 1º carro (ambulância) dos Bombeiros Voluntários de Alvaiázere, oferecido pelo Joaquim da Silva Ameixeira, natural de Pombaria, que foi também um grande obreiro dos Bombeiros Voluntários de Alvaiázere.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)



5.12 ANEXO XII – BIOGRAFIA DE JOSÉ FRANCISCO MENDES HENRIQUES

Nasceu a 25 de Agosto de 1878 no lugar do Pereiro de Cima, freguesia de Pousaflôres, concelho de Ansião, filho de Manuel Francisco Marques e de Maria de Jesus, sendo o terceiro de 10 irmãos.

Na sua vida exerceu grande influência o seu padrinho José Francisco Mendes Henriques, padre da freguesia de Palmá, concelho de Alvaiázere, de quem herdou o nome completo. Ainda de tenra idade foi viver com o seu padrinho que o incentivou a ingressar no Seminário de Ourém (que na altura funcionava no castelo desta vila), onde estudou até ao 5º ano. Ao partir para o Seminário o pai deu-lhe um conselho que viria a constituir uma linha de rumo para a sua vida: “Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém”.

Terminado o 5º ano no Seminário, decidiu não prosseguir o desejo do seu padrinho (de o fazer padre) tendo seguido aquilo que era a sua verdadeira vocação, ingressando na Escola do Magistério Primário. Finalizado o curso de professor primário, começou a leccionar na freguesia de Pelariga, concelho de Pombal. Em 19 de Setembro de 1908 casou com Maria Palmira Ribeiro da Silva, natural e residente no lugar de Quinta de S. Gens, freguesia de Maças de Caminho, concelho de Alvaiázere. O casal inicialmente fixou residência na Pelariga onde viria a nascer o seu primeiro filho – Aníbal.

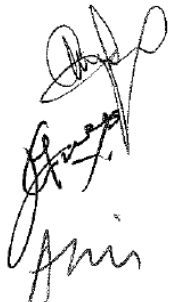
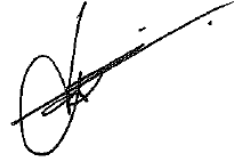
Poucos anos depois, viria a ser deslocado para leccionar em Pussos onde fixou residência com a família, ainda que por curto período. Leccionou ainda em Alvaiázere (também por curto período) e finalmente em Maças de Caminho onde viria a aposentar-se após 36 anos de serviço. Ao passar a leccionar em Alvaiázere fixou definitivamente residência na Quinta de S. Gens, onde nasceram as quatro filhas do casal: Benilde, Aida, Lucília e Maria Palmira.

Simultaneamente com a actividade de professor foi agricultor ao longo da sua vida e ainda proprietário de um lagar de azeite que mandou construir na Quinta de S. Gens e dirigiu até à data da sua morte.

Profissionalmente, fez frequentemente parte do júri dos exames escolares, além de exemplar professor. Desde integrado na sua comunidade foi membro da Comissão Paroquial de Culto, amigo

da freguesia, em especial dos seus habitantes mais pobres. Faleceu no dia 14 de Fevereiro de 1952, com 74 anos de idade.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)



5.13 ANEXO XIII – REFERÊNCIA À TRADIÇÃO DOS “PAVILHÕES”

Nos inícios até meados do séc. XX, foi uma grande tradição em Maças de Caminho a realização dos famosos “Pavilhões”.

Os Pavilhões faziam-se em eiras ou terreiros e eram fechados com uma estrutura feita com ramos de árvore e louro, com uma abertura para a porta e cobertos com hera, murta e flores. Forrava-se o chão com tábuas de solho. Os Pavilhões eram feitos pelos santos populares. No exterior, faziam-se grandes fogueiras com molhos de rosmaninho.

Às vezes cobrava-se um bilhete para entrarem no Pavilhão, afim de pagarem aos músicos... O anúncio do baile fazia-se com um ou dois foguetes e as raparigas iam de casa em casa cantando até se juntarem todas as que existiam no lugar e depois sempre a cantar iam para o Pavilhão.

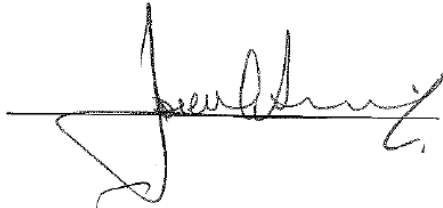
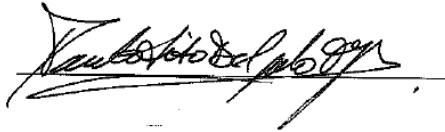
Fizeram-se também Pavilhões nas Relvas, onde o baile era animado, geralmente, por uma harmónica, porém os Pavilhões mais conhecidos foram feitos na Azenha e no Carregal e animados pelos acordeonistas Zé Cura da Ribeira do Pereiro e os Fariseus de Maças de D. Maria; flauta tocada pelo Bernardino Gomes da Lameira; e o harmónico tocado pelo Chico da Luciana do Carregal.

Quando não havia músicos cantava-se ao desafio para animar estas festas dos Santos Populares.

(Recolha efectuada e elaboração de Maria Teodora Freire Gonçalves Cardo)

Aprovada pela Câmara Municipal de Alvaiázere em reunião de vinte de Novembro de dois mil e sete.

Presidente da Câmara Municipal de Alvaiázere



Aprovado em sessão da
Asssembleia Municipal de
31.12.2007.
Atesa,

